

O português falado em Nova Iguaçu: proposta de constituição de uma amostra de língua oral

The spoken Portuguese in Nova Iguaçu:
proposal for the constitution of an oral language corpus

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25359>

Juliana Barbosa de Segadas Vianna

Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Instituto Multidisciplinar. Possui graduação em Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Realizou pós-doutoramento na UFRJ, durante os anos de 2012-2013. Em praticamente toda a sua trajetória acadêmica, desde a Iniciação Científica ao Pós-doutoramento, contou com a parceria, orientação e supervisão da Professora Célia Lopes.

E-mail: jusegadas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0146-8719>

RESUMO

O *Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* pretendeu efetuar a organização de um grande banco de dados com entrevistas de língua oral coletadas entre informantes nativos do município de Nova Iguaçu, a fim de possibilitar pesquisas futuras no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança e o diálogo com outros projetos estabelecidos no Estado do Rio de Janeiro. Desde os anos 70, a língua da capital do estado do Rio de Janeiro tem sido objeto de inúmeros estudos que levam em conta a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana. Tal fato se deve, fundamentalmente, à existência de importantes bancos de dados que foram produzidos com base em tal cidade. São eles: o banco de dados do *Projeto Norma Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro* (NURC-RJ), o banco de dados do *Projeto Censo da Variação linguística no estado do Rio de Janeiro* e *Programa de Estudos do Uso da Língua* (CENSO-PEUL), e, mais recentemente, as amostras do *Projeto bilateral Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do português*. Em relação às demais regiões do estado, diferentemente do que se observa na capital (cidade do Rio de Janeiro), constata-se a grande carência de bancos de dados organizados de acordo com a metodologia laboviana.

Palavras-chave: Amostra de fala. Entrevistas sociolinguísticas. Metodologia sociolinguística. Teoria da Variação. Nova Iguaçu.

ABSTRACT

Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística Project intended to carry out the organization of a large database with oral language interviews collected from native informants of Nova Iguaçu city, to enable future research on Variation and Change Theory and the dialogue with others projects established in the State of Rio de Janeiro. Since the 1970s, the language of the Rio de Janeiro city, capital of the Rio de Janeiro state, has been the object of numerous studies that take into account the theoretical-methodological perspective of Labovian Sociolinguistics. This is due, fundamentally, to the existence of important databases that were produced based on such a city: the database of the *Norma Urbana Culta Project* of the city of Rio de Janeiro (NURC- RJ), the database of the *Censo da Variação linguística Project* in the state of Rio de Janeiro and *Estudos do Uso da Língua Program* (CENSO-PEUL), and, more recently, *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do português Project*. Concerning the other regions of the Rio de Janeiro state, Brazil,

differently, from what is observed in the capital (city of Rio de Janeiro), there is a great lack of databases organized according to the Labovian Methodology. Nova Iguaçu is a city near the Rio de Janeiro city.

Keywords: Speech. Sociolinguistic interviews. Sociolinguistic Methodology. Variation Theory. Nova Iguaçu city.

Introdução

Existem no país vários grupos de pesquisa que, seguindo a metodologia da Sociolinguística laboviana, organizaram, desde a década de 70, bancos de dados que servem de base para pesquisas nos mais diversos níveis linguísticos: fonético-fonológico, lexical, morfossintático e semântico. No que se refere ao Estado do Rio de Janeiro, a capital do estado é a área mais estudada, em função de importantes *corpora* que foram produzidos com informantes nativos da cidade-capital. Vejamos alguns deles:

O *Projeto Norma Urbana Culta* (NURC) teve início em 1969 com o intuito de organizar bases de dados de língua oral culta, nas cinco principais capitais brasileiras com mais de 1 milhão de habitantes: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os informantes, de ambos os sexos, foram divididos em três faixas etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos. As gravações recolhidas seguiram quatro diferentes tipos com o objetivo de constituírem uma amostra, de fato, representativa da variedade culta espontânea, a saber: (1) gravações secretas (GS), (2) diálogo entre dois informantes (D2), (3) diálogo entre informante e documentador (DID), e (4) elocuções formais.

O banco de dados do *Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro*, também conhecido como Amostra CENSO, surgiu posteriormente inspirado no sucesso do Projeto NURC-Brasil. Foi organizado pelo grupo de pesquisadores do *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL) no período de 1980 a 1983, a partir de entrevistas com falantes de diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Tal *corpus* apresenta-se estratificado em sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e acima de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º ciclos do ensino fundamental e ensino médio), sendo, dessa forma, representativo da variedade popular, visto que não conta com informantes de escolaridade em nível superior. A essa amostra inicial foi acrescentada, posteriormente, uma subamostra de língua oral representativa da faixa etária de 7 a 14, gravada no período de 1983-85.

É interessante destacar que a Amostra CENSO, organizada nos anos 80, serviu de base para a constituição, no período de 1999 a 2000, de dois novos *corpora*. Em vista disso, essas amostras permitem a realização de estudos de mudança em tempo real de curta duração, tanto para o estudo da comunidade – Estudo Tendência (*trendystudy*) – quanto para o estudo do indivíduo – Estudo de Paineis (*panelstudy*).

Em relação às demais regiões do estado, diferentemente do que se observa na capital, constata-se a grande carência de bancos de dados organizados de acordo com a metodologia laboviana. Tal fato acaba por impedir que as demais comunidades de fala sejam objeto de investigação linguística que esteja alicerçada na Teoria da Variação e Mudança.

Felizmente, ainda que seja uma iniciativa isolada, desde fins da década de 80, a região norte do estado já possui um banco de dados referente a alguns municípios. Trata-se do banco de dados do Arquivo Sonoro do *Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ), que inclui entrevistas realizadas com pescadores do norte fluminense. Em tal amostra, os informantes são exclusivamente do sexo masculino, analfabetos ou parcamente escolarizados, naturais de doze localidades pesqueiras na parte norte do estado. São elas: (a) localidades em que há pesca fluvial: São Fidélis, Cambuci, Itaocara, São João da Barra e Itaperuna; (b) localidades em que ocorre pesca lacustre: Ponta Grossa dos fidalgos e São Benedito, ambas pertencentes ao município de Campos; e (c) localidades onde a pesca é litorânea: Barra de Atafona, Atafona, Gargaú, Guaxindiba – pertencentes ao município de São João da Barra – e Farol de São Tomé – localizada em Campos. O *corpus* encontra-se estratificado de acordo com três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e mais de 51 anos, uma vez que, no que se refere aos demais fatores sociais, não há variação nos informantes.

Por fim, é importante mencionar o Projeto de pesquisa *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* com mais detalhes. Submetido ao Programa de Cooperação Internacional Brasil-Portugal (CAPES), o projeto teve início em 2007 e vigorou nos quatro anos subsequentes. Posto que tivesse como objetivo geral aprofundar o conhecimento sobre a língua portuguesa nas suas diversas variedades nacionais, buscou-se o estabelecimento de estudos comparativos com base em *corpora* organizados de acordo com os mesmos critérios. Para esse fim, foram organizadas amostras coletadas em dois pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu) e dois pontos na Grande Lisboa (Cascais/Oeiras e Cacém/arredores). Posteriormente, novos inquéritos foram realizados na cidade do Funchal (capital da Ilha da Madeira). Tais *corpora* contam com 18 entrevistas de cada localidade e apresentam-se estratificados em três parâmetros: sexo (homens e mulheres); faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos, e 56 a 75 anos) e escolaridade (Ensinos Fundamental, Médio e Superior). Ou seja, no que se refere às questões que se levantam nesta seção, há uma amostra de 18 entrevistas coletadas na capital do Rio de Janeiro (mais especificamente o bairro de Copacabana) e outra com 18 entrevistas referentes ao Município de Nova Iguaçu, na baixada fluminense.

Tendo em vista os poucos exemplos de amostras que representem as demais regiões do estado do Rio de Janeiro, urge que sejam organizados mais bancos de dados representativos de outros municípios para que se tenha uma visão mais ampla do espectro de fenômenos variáveis na amplitude do estado, visto que o comportamento das grandes capitais tende a ser mais homogêneo. Nesse sentido, o Projeto *Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* buscou, ao longo dos últimos anos, construir uma amostra de entrevistas orais que fossem representativas do Município de Nova Iguaçu,

tendo como inspiração os mesmos parâmetros controlados pelo grupo de pesquisa *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*¹, acima mencionado.

1. Objetivos do Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística

Entre os objetivos gerais, pretenderam-se alcançar as seguintes metas:

- Incentivar o estudo da língua portuguesa com base em falantes de regiões ainda pouco investigadas, como é o caso do Município de Nova Iguaçu.
- Promover o interesse na pesquisa científica entre estudantes de licenciatura do curso de Letras da UFRRJ - Instituto Multidisciplinar, que se encontra sediado em Nova Iguaçu;

Entre os objetivos específicos do projeto de pesquisa, buscou-se atingir os seguintes propósitos:

- Efetuar a organização de um banco de dados com informantes nativos de Nova Iguaçu, tendo por base a orientação teórico metodológica da Sociolinguística de base laboviana, com vistas a possibilitar pesquisas futuras no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança;
- Impulsionar as pesquisas de cunho sociolinguístico na Instituição de Ensino (UFRRJ-IM), a partir da organização de um grupo de pesquisa sediado em Nova Iguaçu, articulado a outros grupos de pesquisa no Brasil;

2. As características socioculturais, econômicas e históricas da região investigada

O município de Nova Iguaçu faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (ou Grande Rio). É o maior município da Baixada Fluminense, com 524,04 km², fazendo divisa com oito

¹A autora participou ativamente do *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* como doutoranda em missão de pesquisa em Portugal, sob orientação das professoras Célia Lopes (UFRJ) e Matilde Miguel (CLUL), tendo coletado entrevistas orais junto a portugueses moradores da localidade do Cacém, entre 2009 e 2010. Sua tese, intitulada *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, foi defendida em 2011.

municípios – Rio de Janeiro, Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias, Miguel Pereira, Japeri, Queimados e Seropédica. Por causa dessa posição privilegiada, Nova Iguaçu exerce a função de centro de negócios e de comércio para os municípios vizinhos.

Segundo dados do IBGE/Censo 2010², a população do município era de 796.257 habitantes, vivendo quase que exclusivamente na zona urbana³ (99% da população). O perfil majoritário da população é composto por mulheres (52%), havendo maior representatividade de indivíduos em idade adulta, isto é, entre 18 a 59 anos (57,5%), a média de idade da população é de 28,76 anos. Atualmente, o IDH⁴ previsto para o município de Nova Iguaçu é de 0,713⁵ – sendo considerado mediano, visto que é o 43^o maior em todo estado do Rio de Janeiro, que conta com 92 municípios.

A primeira Instituição de Ensino Superior, em Nova Iguaçu, foi fundada em 1970. Mas só em 1993, foi oficializada como universidade, passando a denominar-se Universidade Iguaçu (Unig). Atualmente, há cursos da Universidade Federal Fluminense (UFF), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), da Escola Técnica Estadual João Luís do Nascimento da FAETEC, além de uma unidade do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ). O município também abriga *campi* de instituições particulares como a Universidade Estácio de Sá e o Centro Universitário Geraldo Di Biasi (UGB). Em 2010, foi inaugurado um *campus* avançado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, denominado Instituto Multidisciplinar, e, no ano seguinte, o município vê surgir mais uma instituição particular de ensino superior – a Universidade do Grande Rio, conhecida como Unigranrio. Tendo em vista tantas instituições de ensino, não é de se admirar que o IDHM-Educação, em 2000, foi de 0,884 para o município, de acordo com o relatório do Programa das Nações Unidas (PNUD). O percentual de alfabetização é de 93% da população acima de 10 anos.

² IBGE, panorama municípios brasileiros. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20181206195925/https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>. Acesso em: 08 jun 2019.

³ IBGE, estatística populacional Censo 2010. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_rio_de_janeiro.pdf Acesso em: 08 jun 2019.

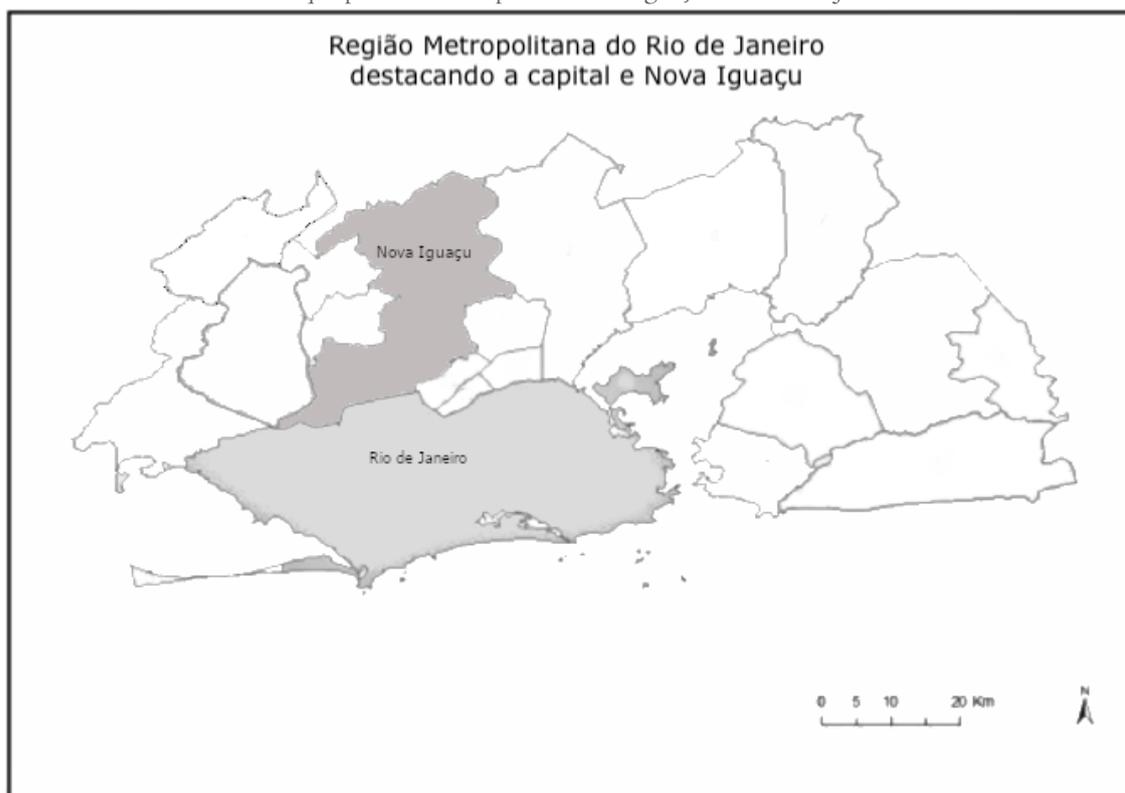
⁴ O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – é uma medida de comparação utilizada para classificar os diferentes países e, com base nessa classificação, determinar quais podem ser considerados desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Para o cálculo são levados em consideração dados oficiais de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB *per capita*.

⁵ Ranking IDH Municípios 2010, com base no Atlas de Desenvolvimento Humano 2013. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html> Acesso em: 09 jul 2019.

⁶ Lista completa dos municípios do Rio de Janeiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Rio_de_Janeiro_por_IDH-M Acesso em: 09 jul 2019.

O município de Nova Iguaçu localiza-se no estado do Rio de Janeiro, a noroeste da capital, distando desta cerca de 28km. Segundo o IBGE⁷, é a quarta cidade mais populosa do estado (798 mil habitantes), ficando atrás apenas da capital (6,5 milhões), São Gonçalo (1,04 milhão) e Duque de Caxias (890 mil). O mapa abaixo localiza o município de Nova Iguaçu em relação aos outros municípios que constituem o estado do Rio de Janeiro:

Mapa 1 - Área metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, com destaque para os Municípios de Nova Iguaçu e do Rio de Janeiro.



Fonte: Elaboração própria, a partir de mapa do site Baixar Mapas.

Disponível em: <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-metropolitana-do-rio-de-janeiro/>.

Acesso em: 25 jul 2018.

3. Pressupostos Teóricos

No final dos anos 60, Weinreich, Labov e Herzog (1968), doravante WLH, no texto “*Empirical foundations for a theory of language change*”, apresentam pela primeira vez um novo modelo teórico que

⁷ Resultados da estimativa populacional dos municípios para 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html>. Acesso em: 18 jul 2018.

vem de encontro à concepção de língua que vigorava até então, principalmente por incluir o componente social.

As correntes anteriores, notadamente o estruturalismo e o gerativismo, concebiam a língua como o domínio da invariância. O sistema linguístico era visto como sendo homogêneo, estático e uniforme. No entanto, as perspectivas reinantes não davam conta de responder a algumas questões referentes especificamente à mudança linguística: (i) se os sistemas linguísticos são perfeitos, uniformes, invariáveis, por que mudam?; (ii) como se dá a mudança em uma dada língua: é a substituição de um sistema homogêneo por outro, em um corte no tempo?

Foi justamente nessas brechas teóricas – as quais os modelos anteriores titubeavam em explicar de forma razoável – que teve impulso o surgimento da Teoria da Variação (ou Sociolinguística). O novo modelo contrariava o postulado do sistema linguístico homogêneo da teoria chomskyana (CHOMSKY, 1965) e a noção de falante ideal, propondo o oposto a isso: o princípio da variabilidade intrínseca às línguas humanas, sendo estas suscetíveis às pressões sociais. Dessa forma, dentro da Sociolinguística, a língua não pode ser estudada fora do contexto social. O foco de investigação passa a ser o falante-real que – estando inserido em determinada comunidade de fala –, em situações reais de uso da língua, apresenta variação relacionada a fatores linguísticos e sociais.

Para WLH (1968), um novo modelo que englobasse a heterogeneidade – bem como os condicionadores sociais e estilísticos para essas escolhas – propiciaria descrições mais adequadas no nível da competência linguística e, além disso, produziria uma teoria que desse conta da mudança linguística, superando alguns dos paradoxos da linguística histórica. Segundo os autores, é a partir da heterogeneidade diagnosticada no desempenho do indivíduo que se poderia investigar estrutura e funcionamento da língua, ou seja, o estudo da estrutura linguística deveria se dar em termos do exame de fatos linguísticos, conforme manifestados no dia a dia das pessoas, no contexto social da comunidade de fala.

Entre os avanços trazidos pelo novo quadro, talvez a maior inovação laboviana em oposição à linguística histórica resida no fato de se *partir do presente para explicar o passado*: uma vez que é postulado básico da Teoria Sociolinguística que a variação é constante, seria possível, a partir do estudo da variação linguística no presente, talvez entender o passado e pensar o futuro. Em outras palavras, o presente sintetizaria uma dupla ponte: guardaria reflexos de evoluções ocorridas no passado e indícios de evoluções linguísticas futuras⁸ (LABOV, 1975).

⁸ Segundo o Princípio do Uniformitarismo, Labov (1975, p. 862) postula que as forças linguísticas que são evidenciadas hoje são, em princípio, as mesmas que as que funcionavam no passado: “[...] the linguistic forces that are evidenced today are in principle the same as those that operated in the past”.

Em Labov (1972), desenvolve-se um método de análise sociolinguística de base quantitativa que se propõe a verificar as relações entre o componente social e a variação linguística, buscando determinar qual é o conjunto de regras que regem a heterogeneidade. Parte-se do pressuposto básico de que a variação não é aleatória, mas sistemática, podendo ser descrita e explicada em função de fatores sociais (variáveis relacionadas ao falante, como sexo, faixa etária, grau de escolarização, entre outras) e linguísticos (variáveis internas da língua). Em outras palavras, a escolha entre determinados usos linguísticos variantes é motivada – seja no nível do vocabulário, da sintaxe ou morfossintaxe; seja no subsistema fonético-fonológico, ou no domínio pragmático-discursivo – e as alternâncias configuram-se sistemáticas e previsíveis estatisticamente.

A variação e a mudança linguísticas são temas centrais dentro da Teoria da Variação. De acordo com WLH (1968), o estudo da mudança pressupõe (i) decifrar quais são os fatores que condicionam a mudança, (ii) responder como e por qual percurso a mudança se efetiva, (iii) entender como a mudança se encaixa na estrutura social e linguística que a envolve, (iv) analisar como os membros da comunidade linguística avaliam a mudança, verificando seu status positivo ou negativo, (v) diagnosticar por que uma dada mudança ocorre em lugar e tempo específicos, e não em outros. Dito de outra maneira, as cinco tarefas que fazem parte da investigação sociolinguística podem ser entendidas em termos de cinco problemas que o linguista deve solucionar para compreender a mudança: (i) o problema das restrições (*constraintproblem*) (ii) o problema da transição (*transitionproblem*); (iii) o problema do encaixamento (*embeddingproblem*); (iv) o problema da avaliação (*evaluationproblem*); e (v) o problema da implementação (*actuationproblem*).

O problema da restrição diz respeito aos condicionamentos e às restrições linguísticas ou sociais que impulsionam ou limitam a mudança. Os estudos linguísticos partem do diagnóstico das restrições para explicar como ocorre um dado fenômeno variável.

O problema da transição, por sua vez, refere-se a investigar como e por qual caminho a mudança se processa: se ocorre por etapas discretas, ou se ocorre em um *continuum*. A questão que se coloca é “qual o caminho pelo qual a mudança se efetiva na língua?”. Dessa forma, o investigador deve determinar como as formas são transmitidas de um ponto a outro, isto é, como se dá a passagem de um estado A da língua para um estado B, dentro do processo de mudança. Em WLH (1968), mencionam-se três etapas no processo de mudança: 1) o falante aprende uma forma inovadora que passa a competir com a mais antiga; 2) os falantes convivem durante certo período de tempo com a existência de formas alternantes, regidas por um conjunto de regras; 3) a forma inovadora suplanta o uso da mais antiga, que se torna obsoleta. A transferência de formas de um ponto a outro pode ser entendida, por exemplo, quando os usos linguísticos que, inicialmente, eram típicos do grupo etário dos jovens são levados às faixas etárias seguintes, em função do aumento de idade dos indivíduos.

O problema do encaixamento engloba duas perspectivas que se complementam: o encaixamento na estrutura linguística e o encaixamento na estrutura social. O encaixamento na estrutura linguística pode ser compreendido se pensarmos que, muitas vezes, uma alteração, em determinada parte da gramática, acarreta outras alterações em outras partes como um efeito em cadeia. O encaixamento na estrutura social é entendido, por sua vez, quando uma dada mudança linguística pode ser relacionada com alguma categoria social. Por exemplo, há mudanças que são impulsionadas pelas mulheres; outras, que são favorecidas na faixa etária dos jovens; ou em determinada região, não sendo em outra.

No que se refere ao problema da avaliação, vai de encontro à ideia de que o indivíduo aceite passivamente o processo de estruturação da língua. Embora os estágios iniciais da mudança estejam abaixo do nível de consciência social dos falantes e não sejam percebidos, em estágios mais avançados, a avaliação das variáveis pode ser observada e, muitas vezes, traduz-se por meio de estratificação social. Os testes de avaliação subjetiva servem ao propósito de investigar a avaliação dada às variantes pelos usuários da língua. Nas últimas etapas da mudança, surgem os estereótipos negativos relacionados às formas inovadoras quando estigmatizadas. Quando isso ocorre, geralmente mantém-se o uso da forma mais antiga e conservadora. No contexto dos estudos de mudança linguística, o problema da avaliação é de fundamental importância, haja vista que o estigma atribuído a uma variante pode frear o processo de mudança – ou impulsioná-la, no caso de a comunidade de fala atribuir prestígio a determinada variante.

Com relação ao problema da implementação, a questão que se coloca é da seguinte ordem: por que determinada mudança linguística ocorre em um dado momento da história de uma comunidade e não em outro? Para responder a essa questão, acaba sendo necessária a retomada de alguns pontos relacionados aos outros problemas empíricos, discutidos anteriormente: a questão da avaliação que a comunidade faz acerca da mudança; definir o percurso que a mudança faz ao se disseminar em determinada comunidade de fala; entender como essa mudança se encaixa na matriz social e linguística. O problema da implementação parte, sobretudo, do conhecimento que se tem sobre quais são os condicionamentos sociais e linguísticos que impulsionam ou restringem a mudança para dada comunidade em determinado tempo. É a partir do conhecimento das restrições relacionadas à variação que se pode entender como a mudança avança e se expande para os diversos estratos sociais e contextos estruturais.

Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos que alicerçam a sociolinguística, é comum a constituição de amostras de entrevistas orais, que espelhem o vernáculo dos informantes de uma dada comunidade linguística. Com base em tais bancos de dados, são feitas investigações nos mais diversos níveis linguísticos, a saber: fonológico, lexical, morfossintático e semântico. Não é à toa que tal perspectiva teórica agrupa inúmeros grupos de pesquisa em todo Brasil – NURC-Brasil, CENSO-

PEUL, VARSUL⁹, VALPB¹⁰, entre vários outros –, com o intuito de focalizar os mais diversos fenômenos em diferentes regiões do país.

Nesse sentido, as entrevistas constituídas dentro da metodologia da Sociolinguística têm como função básica apreender amostras de língua oral espontânea e não-monitorada, que reflitam o vernáculo de determinada comunidade de fala. No entanto, a presença do investigador durante a coleta dos dados cria uma situação paradoxal: como garantir que o informante fale com espontaneidade, se a situação da entrevista é tão artificial?

Questões como essa põem em relevo a maneira como o inquérito é conduzido. Dentro da metodologia da Sociolinguística, o ideal é que o clima de conversa informal predomine durante a coleta da entrevista e existem técnicas para que esse objetivo seja atingido. O pesquisador deve trabalhar para que a interação seja a mais descontraída possível e buscar o estabelecimento de uma relação de cumplicidade com o entrevistado. Nesse sentido, algumas temáticas também contribuem para a obtenção de maiores amostras de fala espontânea. Como postula Labov (1972b), as narrativas pessoais conduzem ao maior envolvimento emocional por parte do entrevistado, que, em função disso, tende a diminuir o monitoramento sobre a fala. Essas e outras questões serão retomadas mais adiante, nas seções que se seguem.

4. Materiais e Métodos

Tendo em vista a carência de bancos de dados que representem o comportamento do falante nativos de diferentes Municípios do Estado do Rio de Janeiro, o objetivo era promover a organização de um banco de dados composto por entrevistas de língua oral com base em informantes de Nova Iguaçu. Para tanto, foi utilizada a orientação metodológica de coleta de dados da sociolinguística de base laboviana, como será explicado mais adiante.

Os procedimentos metodológicos adotados na constituição da amostra serão apresentados a seguir, na seguinte ordem: 4.1) breve descrição do roteiro de entrevista e procedimentos de recolha de dados; 4.2) o banco de dados a ser constituído e seus documentos integrantes: ficha social, TCLE,

⁹ O Projeto VARSUL (*Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil*) reúne amostras de língua oral, referentes aos três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para cada um dos estados, o banco de dados do Projeto VARSUL conta com quatro amostras, relativas a quatro cidades (a capital mais três cidades no interior), perfazendo um total de 24 falantes por município. Isso significa, no cômputo final, o número global de 96 entrevistas por estado.

¹⁰ O Projeto VALPB (*Variação Linguística no Estado da Paraíba*) inclui 60 entrevistas que representam o desempenho linguístico de homens e mulheres naturais da cidade de João Pessoa, distribuídos por três faixas etárias – 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e 50 anos ou mais – e três níveis de escolarização, a saber: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Nível Universitário.

entrevista gravada documentador-informante e transcrição ortográfica; e 4.3) o *corpus* mínimo inicial e até onde chegamos.

4.1. Descrição do roteiro de entrevista e procedimentos de recolha de dados

Como se sabe, a “entrevista sociolinguística” é um procedimento metodológico para coletar dados de fala em situações comunicativas naturais e espontâneas, visando diminuir a influência do *paradoxo do observador* (LABOV, 1972). De maneira geral, as entrevistas abordaram os mesmos temas¹¹, apresentando questões sobre (i) a localidade de moradia do entrevistado (violência, saúde, opções de lazer, escolas na região etc); (ii) as atividades profissionais e ambições na carreira; (iii) política nacional e no Município; (iv) a composição familiar na atualidade e as relações afetivas na sociedade moderna e no passado recente; e (v) questões relativas à linguagem.

A amostra constituída nessa etapa da pesquisa também tinha o intuito de se adequar aos moldes dos principais grupos de pesquisa dentro do país. Assim sendo, seguiu-se o mesmo direcionamento adotado por outros grupos de pesquisa no país – seja com relação ao número de inquéritos a compor o *corpus*, seja em relação às temáticas abordadas e à duração das entrevistas. Tal orientação visou garantir a comparabilidade da amostra produzida pelo grupo de pesquisa *Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística*, em relação a outros bancos de dados no país e no exterior.

Dentro da metodologia sociolinguística, propõem-se descartar os primeiros dez primeiros minutos de gravação, com o argumento de que, nos momentos iniciais da entrevista, o informante tenderia a ter um comportamento linguístico mais controlado. Posteriormente, no decorrer da conversa, com um maior relaxamento, o vernáculo¹² do informante apareceria de fato. Nesse sentido, algumas temáticas também teriam a função de promover maior envolvimento afetivo do falante e, conseqüentemente, menor preocupação com a maneira de falar.

Em função disso, a entrevista sociolinguística não ocorre desprovida de *script*. Ainda que o pesquisador-entrevistador deva guiá-la de maneira suave, existe, subjacente à sequência de perguntas, um roteiro elaborado previamente. Em outras palavras, a alternância de temáticas segue uma

¹¹ O roteiro de perguntas seguiu o modelo do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, uma vez que havia um claro intuito de construir uma amostra comparável ao *corpus* Nova Iguaçu da década de 2010, sofrendo alterações no decorrer do tempo para melhor adequação aos nossos informantes.

¹² O vernáculo diz respeito à realização mais natural possível de uma língua, havendo o mínimo de atenção ao monitoramento da fala (LABOV, 1972). Nas palavras de Coan e Freitag (2010, p.183), “o vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível”.

determinada lógica, suscitando emoções por parte do inquirido, bem como diferentes sequências textuais. A depender da pergunta, suscitam-se como resposta textos argumentativos, descrições ou narrações.

O roteiro de perguntas utilizado nas entrevistas gravadas apresentava-se organizado por cinco blocos de temas, em que se seguiam várias possibilidades de questionamentos encadeados a serem feitos pelo entrevistador ao informante, em um total de 94 perguntas. O fragmento abaixo ilustra a primeira parte do *guia de entrevista*:

Figura 1 – Fragmento do guia de entrevista.
Temática: bairro, cidade, violência, lazer, educação, saúde e transporte.

GUIA DE ENTREVISTA	
Bairro, cidade, violência, lazer, educação, saúde e transporte.	
45.	Qual o nome do bairro em que você mora?
46.	Você já morou em outros lugares?
47.	Você mora sozinho ou com pais/esposa/marido? Vocês gostam de morar aqui?
48.	Você e sua família já moraram em outros lugares?
49.	O bairro em que você mora é muito diferente dos outros da cidade?
50.	Quais diferenças você vê entre os bairros da baixada e os bairros da Zona Sul?
51.	O que você acha de Nova Iguaçu?
52.	Quais são os pontos positivos?
53.	Quais são os pontos negativos?
54.	O que as pessoas com quem você convive acham de Nova Iguaçu?
55.	Você considera o bairro violento ou tranquilo? Por quê?
56.	Quais coisas poderiam ser feitas para melhorar a situação da violência?
57.	Você já foi assaltado? Pode contar um assalto que aconteceu com você?
58.	No seu bairro há muitas notícias de assaltos? Você pode relatar alguma situação de violência que presenciou ou que soube?
59.	Como são as opções de lazer do bairro?
60.	Existe algum lugar aqui em Nova Iguaçu em que as pessoas se reúnem?
61.	O que você e seus amigos (ou esposo/a, namorado/a) costumam fazer nos fins de semana?
62.	Você acha que Nova Iguaçu tem muitas opções de atividades culturais?

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar, a título de exemplificação, há um encadeamento das subtemáticas relacionadas ao tema “bairro”. Começa-se perguntando o nome da localidade onde o informante reside e se já houve outros locais de residência, passando a indagar sobre a composição familiar residente no mesmo domicílio, percepção das características do seu bairro em confronto com bairros famosos da capital fluminense (perguntas 1-6). Ainda no fluxo de questionamentos dentro do mesmo tema, passa-se a indagações sobre a percepção do informante em relação ao município como um todo: “O que você acha de Nova Iguaçu?”, “Quais os pontos positivos e os negativos?” (perguntas 7, 8 e 9, respectivamente). Posteriormente o foco recai na questão da violência no município – “Você considera o bairro violento? Por que?” (pergunta 11) – culminando no pedido para que o informante

relate uma história pessoal de violência que tenha vivido ou uma história que tenha sido relatada por alguém conhecido (perguntas 13 e 14). Na sequência, pergunta-se pelas opções de lazer do bairro, locais de reunião de pessoas ou grupos, atividades culturais (perguntas 16-18).

Tal encadeamento de perguntas tem a função de tentar aproximar a situação artificial da entrevista sociolinguística do que seria uma conversa informal entre duas pessoas. Para tanto, os entrevistadores são orientados a estudarem o questionário previamente para que não seja necessária a leitura do guia no momento da coleta da entrevista, garantindo maior fluidez na interlocução. Até mesmo em relação ao gravador utilizado, há a orientação de que este seja colocado em um local fixo (o pesquisador não deve mantê-lo na mão), para que o informante esqueça a presença do aparelho e se sintam o mais à vontade possível.

Ainda com relação ao fragmento exemplificado, que ilustra as primeiras perguntas elencadas no guia de entrevista, resta comentar que a escolha da temática “bairro” para iniciar a conversa com o informante não é aleatória. A ideia é que o foco da entrevista seja mais direcionado para questões do cotidiano do cidadão iguaçuano, o que, em hipótese, o levaria a assumir uma postura mais relaxada em relação a suas escolhas linguísticas.

Seguindo essa mesma lógica, as perguntas de percepção linguística, da temática “linguagem”, localizam-se apenas no final do guia de perguntas, visto que poderiam suscitar maior monitoramento por parte do informante em relação aos seus próprios usos linguísticos. O fragmento a seguir ilustra tal bloco de perguntas:

Figura 2 - Fragmento do guia de entrevista.
Temática: Linguagem.

<p>Linguagem.</p> <p>78. Você já notou alguma diferença na forma de falar das pessoas com quem você convive? (<i>exemplo: pessoas do seu trabalho, amigos, família</i>)</p> <p>79. Que tipo de diferenças?</p> <p>80. Você sabe se uma pessoa é de outro lugar pela forma de falar? Me fale alguns exemplos</p> <p>81. Quais os sotaques de que você mais gosta? Por quê?</p> <p>82. Quais os sotaques que você menos gosta? Por quê?</p> <p>(...)</p> <p>91. Você alguma vez já tentou mudar alguma coisa na sua forma de falar?</p> <p>92. Você tem manias que marcam a sua forma de falar?</p> <p>93. Alguém alguma vez tentou fazer você mudar sua forma de falar?</p> <p>94. Você muda seu jeito de falar de acordo com a situação em que se encontra? Pode dar algum exemplo?</p>
--

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar, tal temática coloca em cena a questão da percepção e avaliação linguística por parte do informante, ora como agente de avaliação (Quais os sotaques que você

mais/menos gosta? – perguntas 81 e 82), ora como alvo da avaliação alheia (Alguém já tentou fazer você mudar sua forma de falar? – pergunta 93).

Para facilitar a atuação do entrevistador no sentido de estar preparado para as diferentes realidades dos informantes de Nova Iguaçu, o guia de entrevista conta com sequência de perguntas alternativas a depender das respostas dadas durante a entrevista, como pode ser visto na temática “Profissão”:

Figura 3 - Fragmento do guia de entrevista.
Temática: profissão.

Profissão.							
44. Você trabalha?							
Se sim... 45. Qual é a sua profissão? 46. Você trabalha aqui por perto? 47. Quais meios de transporte você utiliza para chegar até seu trabalho? 48. Faz tempo que você trabalha nesse serviço? 49. O que você faz? 50. Quais são as principais dificuldades? 51. Quais são as principais vantagens? 52. Você acredita que existem profissões melhores que outras? 53. Quais seriam as melhores carreiras a seguir, para você? 54. Quais seriam as piores? Por quê?	Se não... <i>(estudantes ou pessoas sem profissão/desempregadas)</i> 45. Você já trabalhou? <table border="1" style="width: 100%;"> <thead> <tr> <th>Sim...</th> <th>Não...</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>46. Em que você trabalhou?</td> <td>46. Você pode contar como é a sua rotina hoje em dia? O que faz durante o dia?</td> </tr> <tr> <td>47. Quais eram as atividades rotineiras? Você poderia contar?</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Sim...	Não...	46. Em que você trabalhou?	46. Você pode contar como é a sua rotina hoje em dia? O que faz durante o dia?	47. Quais eram as atividades rotineiras? Você poderia contar?	
Sim...	Não...						
46. Em que você trabalhou?	46. Você pode contar como é a sua rotina hoje em dia? O que faz durante o dia?						
47. Quais eram as atividades rotineiras? Você poderia contar?							

Fonte: Elaboração própria.

Entre nossos informantes, foi possível observar a presença de pessoas que se dedicavam às atividades domésticas ou que estavam em situação de desemprego no período em que foram contatados pelo Projeto. Sendo assim, foram criados roteiros alternativos em relação a essa temática específica. Partindo da pergunta inicial “você trabalha?”, o investigador deveria seguir a sequência de perguntas da esquerda, caso a resposta fosse afirmativa; ou a sequência de perguntas da direita, caso a resposta fosse negativa. No caso de resposta negativa, seguia-se a reformulação da pergunta: “mas já trabalhou?”, que também, a depender da resposta do informante (sim ou não), possibilitava blocos diferenciados de perguntas a serem seguidas pelo investigador.

Vale destacar ainda que a organização das perguntas encadeadas em blocos de temáticas diferentes, além de garantir maior fluidez na interação entre entrevistador e informante, propiciava, na fala do segundo, a produção de diferentes tipologias textuais como respostas para as questões apresentadas. O bloco de perguntas relacionadas à “família, relacionamento e infância” é ilustrativo dessa variedade de tipologias textuais produzidas durante a entrevista, como pode ser visto no fragmento a seguir:

Figura 4 – Fragmento do guia de entrevista.
Temática: família, relacionamento, infância.

<p>Família, relacionamento, infância. (...)</p> <p>66. Você acredita que os homens devem trabalhar e as mulheres ficar em casa? O que acha dos homens que ficam em casa e cuidam dos filhos?</p> <p>67. Você acha que aumentou o número de pais solteiros, separados? Por quê?</p> <p>68. Por que aumentou tanto o número de divórcios?</p> <p>69. E educar os filhos está mais fácil ou mais difícil?</p> <p>70. O que é necessário para se educar bem os filhos?</p> <p>71. Você foi criado por quem?</p> <p>72. A educação que recebeu na sua criação é diferente da educação que os pais dão aos filhos hoje em dia?</p> <p>73. Como seus pais¹³ eram? Rígidos, flexíveis?</p> <p>74. Na sua infância, havia alguma tradição familiar?</p> <p>75. Você pode contar um pouco de como foi sua infância aqui em Nova Iguaçu?</p> <p>76. Você cresceu com primos, irmãos? Costumava brincar com outras crianças?</p> <p>77. Como eram as brincadeiras que vocês costumavam fazer? Pode contar um pouco?</p>

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar, há perguntas que suscitam a manifestação de uma opinião por parte do informante, levando-o a produzir textos argumentativos: “você acredita que os homens devem trabalhar e as mulheres ficar em casa? O que acha dos homens que ficam em casa e cuidam dos filhos?”. Por outro lado, perguntas do tipo “como eram as brincadeiras que você costumava fazer? Pode contar um pouco?” tendem a impulsionar a produção de descrições e narrativas.

Outra questão importante é a duração das entrevistas. Propõe-se a duração média de 45 a 60 minutos para os inquéritos da Amostra de Nova Iguaçu, coletados preferencialmente por meio de gravador digital¹⁴. De modo a destacar a importância da duração mínima das entrevistas, os entrevistadores eram orientados a extrair o máximo de discurso espontâneo possível de cada informante, não sendo obrigatório passar por todas as temáticas. Dessa forma, ainda que o mesmo guia de entrevista fosse utilizado em todas as interações entre entrevistador e informante, o resultado final das gravações é diferenciado a depender dos interesses de cada informante.

Os entrevistadores foram orientados no sentido de explorar as temáticas que motivem mais os informantes e passar rapidamente por aquelas que não provoquem tanto o discurso do informante.

¹³ Depende da resposta anterior do informante. Se responder que foi criado pelos avós, deve-se reformular a pergunta: “como os seus avós eram...?”

¹⁴ Como muitas entrevistas foram coletadas por alunos graduação que participavam da disciplina Nepe 1, também foram utilizados gravadores de celular.

4.2. O banco de dados constituído e seus documentos integrantes¹⁵: ficha social do informante, termo de conhecimento livre e esclarecido, áudio da entrevista documentador-informante e transcrição ortográfica

Uma vez que o objetivo geral era aprofundar o conhecimento sobre a língua portuguesa na comunidade de Nova Iguaçu, permitindo a comparação com os resultados obtidos na capital do estado, buscou-se o estabelecimento dos mesmos critérios que são adotados por grupos de pesquisa maiores, em especial o *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. Para tanto, foram aplicados mecanismos de organização e controle de informantes, além de semelhantes orientações metodológicas na confecção da amostra.

Em princípio, a amostra piloto a ser organizada no âmbito do *Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* seria composta por apenas 18 entrevistas sociolinguísticas (gravadas e transcritas¹⁶), coletadas entre 2015-2016. Como critérios de estratificação da amostra foram utilizados três parâmetros: sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos, e 56 anos ou mais) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio, ensino superior). Visando garantir o equilíbrio do *corpus*, foram entrevistados dois informantes (1 homem e 1 mulher) para cada nível de escolaridade, em cada faixa etária.

Quadro 1 - Corpus mínimo de Informantes de Nova Iguaçu.

Escolaridade/ Faixa Etária	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
18 – 35 anos	♀♂	♀♂	♀♂
36 – 55 anos	♀♂	♀♂	♀♂
56 – 75 anos	♀♂	♀♂	♀♂

Fonte: Elaboração própria.

Também integram o banco de dados as fichas sociolinguísticas referentes aos informantes. Nelas, controlam-se as informações básicas, tanto sobre o informante quanto sobre as condições de coleta do inquérito. Por último, o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi adotado como

¹⁵ O banco de dados do *Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* ainda não se encontra disponível para acesso público.

¹⁶ A transcrição adotada pelo grupo de pesquisa segue os critérios dos bancos de dados com os quais se pretende comparar, em especial o *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. Para melhor compreensão dos critérios mais comumente adotados, ver Marcuschi (1986).

documentação da amostra, por exigência do Conselho de ética da UFRRJ. Vejamos cada um desses documentos separadamente:

4.2.1 – Ficha social do informante¹⁷

A ficha social do informante garante o registro das informações sociais básicas que estratificam a amostra (sexo, idade e escolaridade do informante), bem como informações de contato do indivíduo (endereço residencial e telefone).

Há também perguntas sobre o local de nascimento e moradia, e se houve algum período de residência fora da localidade. Informações sobre a naturalidade de parentes próximos (pai, mãe, cônjuge) também devem ser registradas, assim como informações sobre sua ocupação e ambiente de trabalho do informante – dados estes que, muitas vezes, explicam determinados usos e preferências linguísticas incorporadas na fala do indivíduo.

A ficha social permite ainda que o entrevistador deixe registradas suas percepções em relação à participação do informante na entrevista (cooperativa, não cooperativa, agressiva, indiferente), traços de personalidade deste (tímido, vivo, perspicaz, sarcástico), espontaneidade da elocução (grande, média, pequena), e qual o grau de conhecimento prévio entre entrevistador-informante (grande, médio, pequeno e nenhum).

Na sequência, a ficha inclui o registro de informações sobre local em que a entrevista foi feita e caracterização do ambiente do inquérito. Registram-se ainda, por fim, o nome do entrevistador, data e duração da entrevista.

4.2.2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

Como exigência da Comissão de Ética da UFRRJ, à qual o projeto foi submetido em 2015, incluiu-se, entre os instrumentos de controle do banco de dados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que acompanha a material coletado de cada informante.

Grosso modo, o TCLE pode ser definido como um documento no qual são apresentados os interesses gerais do projeto de pesquisa: “organizar um banco de entrevistas gravadas com pessoas nativas de Nova Iguaçu, de 18 a 75 anos, a partir do qual poderão ser feitas pesquisas em diversas áreas”. Nele, também se incluem informações sobre os direitos dos informantes, no que se refere à

¹⁷ A ficha do informante seguiu o mesmo modelo do *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. O armazenamento delas é feito de forma física e, posteriormente, são digitalizadas.

proteção de sua privacidade e de dados pessoais pelo grupo de pesquisa; riscos mínimos a que se fica exposto durante a coleta da entrevista; bem como a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento que desejar.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma forma, identificar-me, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar.

O risco mínimo a que se fica exposto é a ocorrência de algum tipo de constrangimento durante a realização das perguntas. Todavia, esse desconforto será minimizado, ao máximo, pelos pesquisadores, que se encontram bastante cientes acerca dos direitos do informante, bem como da necessidade de bem-estar dos mesmos.

Ao final do documento, o informante assina o TCLE, acompanhado do entrevistador, que também o assina.

4.2.3 – Áudio da entrevista e transcrição ortográfica

A intenção inicial do Projeto de pesquisa era organizar um *corpus* mínimo de 18 entrevistas orais, com informantes nativos de Nova Iguaçu, estratificados de acordo com os três critérios mencionados: sexo, faixa etária e escolaridade. A cada entrevista oral, deveria ser produzida uma transcrição ortográfica, que seria submetida a uma revisão.

No momento atual de desenvolvimento do projeto, conta-se com um número três vezes maior de entrevistas realizadas e transcrições ortográficas produzidas: 61. Todavia, ainda é mínimo o número de revisões feitas nas transcrições de que se dispõe: apenas 9. O quadro 2 abaixo ilustra o número atual de entrevistas orais e transcrições ortográfica para cada célula controlada na amostra:

Quadro 2 – Corpus atual de Informantes de Nova Iguaçu.

Escolaridade/ Faixa Etária	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	TOTAL
18 – 35 anos	5♀5♂	4♀3♂	3♀3♂	23
36 – 55 anos	1♀3♂	4♀3♂	4♀4♂	19
56 – 75 anos	2♀4♂	3♀2♂	3♀5♂	19

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, apresenta-se o quadro descritivo das entrevistas que compõem a Amostra de Nova Iguaçu.

Quadro 3 – Entrevistas com informantes de Nova Iguaçu, segundo os parâmetros de idade, escolaridade, sexo e duração.

Perfil	Tempo	Sigla de identificação do entrevistado	Idade	Escolaridade	Sexo	Ano
Faixa Etária A: 18-35 anos						
M1A	36:34	M. O.	18	E. Fundamental	M	2017-1
M1A	38:01	I. L. S.	32	E. Fundamental	M	2017-1
M1A	37:39	N. A.	18	E. Fundamental	M	2017-1
M1A	52:17	T. V. M. P.	18	E. Fundamental	M	2017-1
M1A	35:12	A. V. M.	35	E. Fundamental	M	2017-1
H1A	36:55	W. O. C.	26	E. Fundamental	H	2017-1
H1A	36:29	L. C. O.	18	E. Fundamental	H	2017-1
H1A	35:22	P. J.	19	E. Fundamental	H	2017-1
H1A	36:03	D. S. R.	25	E. Fundamental	H	2017-1
H1A	48:02	J. F.	25	E. Fundamental	H	2018-1
M2A	52:54	J. P.	28	E. Médio	M	2015-1
M2A	36:03	T. S.	21	E. Médio	M	2015-1
M2A	54:21	N. R. A.	19	E. Médio	M	2016-2
M2A	46:41	C. C.	35	E. Médio	M	2017-2
H2A	60:20	C. O.	24	E. Médio	H	2016-1
H2A	45:29	I. O.	19	E. Médio	H	2017-2
H2A	45:24	A. C.	23	E. Médio	H	2017-2
M3A	41:41	J. S.	24	E. Superior	M	2015-1
M3A	53:00	K. C.	23	E. Superior	M	2015-2
M3A	50:42	C. D.	21	E. Superior	M	2018-1
H3A	59:23	J. R.	26	E. Superior	H	2015-2
H3A	36:53	P. C.	25	E. Superior	H	2016-2
H3A	46:02	R. F.	25	E. Superior	H	2018-1
Faixa Etária B: 36-55 anos						
M1B	37:19	M. P.	55	E. Fundamental	M	2017-1
H1B	40:46	J. A.	39	E. Fundamental	H	2015-2
H1B	49:33	M. J.	50	E. Fundamental	H	2015-2
H1B	47:35	B. M.	39	E. Fundamental	H	2017-2
M2B	29:00	V. I.	37	E. Médio	M	2017-1
M2B	1:03:00	L. F.	49	E. Médio	M	2017-1
M2B	45:00	R. S.	51	E. Médio	M	2018-2
M2B	45:27	N. T.	44	E. Médio	M	2018-2
H2B	49:51	M. C.	37	E. Médio	H	2017-1
H2B	51:18	M. J. G.	52	E. Médio (incompleto)	H	2017-2
H2B	52:44	A. R. P.	52	E. Médio	H	2018-1
M3B	36:43	E. M. S.	51	Ensino Superior	M	2017-1
M3B	47:39	S. R. M.	49	E. Superior	M	2017-2
M3B	47:59	A. M.	38	E. Superior	M	2017-2
M3B	46:29	S. V.	49	E. Superior	M	2018-2
H3B	37:11	R. F.	38	E. Superior	H	2016-1
H3B	45:02	W. S.	54	E. Superior	H	2017-2
H3B	59:13	L. F.	36	E. Superior	H	2017-2
H3B	1:13:00	E. L. F.	40	E. Superior	H	2018-2
Faixa Etária C: 56-80 anos						
M1C	39:54	A. C.	64	E. Fundamental	M	2015-2
M1C	45:59	M. H. C.	77	E. Fundamental	M	2018-1
H1C	30:00	M. L. P.	58	E. Fundamental	H	2017-1

H1C	37:20	J. C. S.	68	E. Fundamental	H	2017-1
H1C	37:00	A. G. M.	60	E. Fundamental	H	2017-1
H1C	45:13	S. C.	65	E. Fundamental	H	2018-1
M2C	39:00	A. A. L.	62	E. Médio	M	2017-1
M2C	36:00	J. F. S.	56	E. Médio	M	2017-1
M2C	45:00	M. B.	64	E. Médio	M	2018-1
H2C	34:26	P. R.	56	E. Médio	H	2015-1
H2C	46:25	R. X.	56	E. Médio	H	2017-2
M3C	43:55	M. L. C.	66	E. Superior	M	2015-2
M3C	46:41	A. Z. S.	71	E. Superior	M	2017-2
M3C	47:49	M. M. S.	56	E. Superior	M	2017-2
H3C	36:38	H. L.	61	E. Superior	H	2016-2
H3C	46:41	J. M. R.	57	E. Superior	H	2017-2
H3C	51:18	C. R.	56	E. Superior	H	2017-2
H3C	46:15	L. A. O. S.	62	E. Superior	H	2017-2
H3C	47:39	E. C.	56	E. Superior	H	2018-1

Fonte: Elaboração própria.

5. A integração do Projeto *Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* ao Curso de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Instituto Multidisciplinar (UFRRJ-IM)

A partir do 1º semestre de 2017, o contato com *Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* tornou-se mais acessível aos alunos de licenciatura em Letras da UFRRJ-IM que se inscreviam na disciplina *Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão 1* (Nepe 1). Tal disciplina tem por objetivo desenvolver estudos relacionados à língua portuguesa, buscando articular a teoria e a prática do conhecimento. Para tanto, buscou-se dar ênfase aos estudos variacionistas, a fim de confrontar a descrição sincrônica da língua ao que propõe os manuais escolares e gramáticas tradicionais usados no ensino de língua materna.

Dentro dessa proposta pedagógica, os alunos eram levados a passar pelas principais etapas de uma pesquisa científica embasada na metodologia da sociolinguística: (a) coleta de amostras de língua oral com informantes nativos de Nova Iguaçu; (b) transcrição ortográfica da entrevista; (c) levantamento de dados linguísticos em análise; (d) codificação dos dados; (e) submissão ao Programa de regras variáveis Goldvarb X¹⁸; (f) montagem das tabelas; e (g) análise dos resultados. Sendo assim, pode-se dizer que os alunos do curso de Letras da UFRRJ-IM foram participantes ativos na construção do *corpus* de língua oral utilizado nas pesquisas do Projeto.

¹⁸ Nos últimos anos, o Programa computacional de regras variáveis *Goldvarb X* tem sido substituído pelo *Programa R* (ver OUSHIRO, 2014). Todavia, em função da maior acessibilidade e facilidade de compreensão por parte dos alunos de graduação, optamos por apresentar e utilizar o Programa *Goldvarb X* durante o curso de Nepe 1.

De acordo com o perfil previamente definido pela professora, eles localizavam o informante nativo de Nova Iguaçu e realizavam a coleta da entrevista oral por meio de um gravador, seguindo orientações básicas fornecidas em sala de aula.

Entre as principais orientações, destacou-se a necessidade de buscar um local silencioso para a realização da entrevista, visto que, quando o lugar tem muitos ruídos (barulhos de carros ao fundo, pessoas conversando, etc.), muitas vezes o áudio fica prejudicado e o trabalho é perdido pela impossibilidade de saber exatamente o que o informante falou. Além disso, os alunos foram orientados a deixar claro que as entrevistas teriam duração média de 45 a 60 minutos.

No que se refere ao interesse linguístico da investigação, orientou-se que alunos explicassem aos informantes que a pesquisa pretendia simplesmente registrar suas opiniões a respeito do município, opções de lazer, saúde, questões relacionadas à violência na localidade, etc. e opiniões de maneira geral, no que se refere à política, sociedade, experiências de vida.

Considerações Finais

Ainda que o Projeto *Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* tenha evoluído bastante na organização do *corpus* de língua oral, chegando a 61 entrevistas orais gravadas até o final de 2018, faz-se necessário avançar no que se refere à importante tarefa de revisão, que atualmente não chega a 15% do total de transcrições que compõem a amostra. Só após essa etapa, a amostra de língua oral poderá ser disponibilizada para pesquisas em diversas áreas.

Outro objetivo do Projeto, que se pretende desenvolver nos próximos anos, vai no sentido de investigar áreas mais rurais do município de Nova Iguaçu, e não apenas as localidades urbanas como foi o direcionamento do grupo de pesquisa até agora.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, S. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- COAN, M.; FREITAG, R. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios da Linguagem**, v.4, n° 2, 2º semestre, p. 173-194, 2010.
- LABOV, W. The study of language in its social context. **Studium Generale**, n° 23, p. 30-87, 1970.
- LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The use of the present to explain the past. *In*: HEILMANN, L. (Org.), **Proceedings of the 11th International Congress of Linguists**. Bologna: Il Molino, 1975. p.825-851.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. *In*: LEMANN, W; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982. p.79-92.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, C.; TUCKER, R. (Orgs.), **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 235-250.
- LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do Português do Brasil. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 272-284.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- OUSHIRO, L. Tratamento de dados com or para análises sociolinguísticas. *In*: FREITAG, R. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo, Editora Blucher, 2014. p.129-172.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. (Orgs.). **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- SCHERRE, M. Breve histórico do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. *In*: OLIVEIRA, G.; SCHERRE, M. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-36.
- SILVA, E. Bancos de dados sociolinguísticos em português. **Revista Idioma**, n° 29, p. 168-180, 2016.

VIANNA, J. **Semelhanças e diferenças na implementação de *a gente* em variedades do português**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.